

Em relação ao racismo no futebol

Carlos Alberto Figueiredo da Silva

(UNIVERSO e UNISUAM)

Recebimento/Aprovação:

Artigo recebido em outubro de 2008 e aprovado para publicação em outubro de 2008

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as considerações de Juliana Garcia efetivadas em sua resenha sobre o livro *Racismo no futebol*, principalmente, no que se refere às críticas desferidas aos dois autores, em relação à utilização da metáfora “falsa”, entendida por Garcia como uma posição positivista.

Palavras-chave: racismo, futebol, Vasco da Gama, AMEA, esporte, violência.

Abstract:

This paper discusses the evaluation of Juliana Garcia on the book “Racism in Football”. Her main criticism is about the use of metaphor "false" performed by the authors interpreted by Garcia as a positivist view.

Keywords: racism, football, Vasco da Gama, AMEA, sports, violence.

1. Introdução

O presente texto visa dar continuidade à discussão levantada na revista *Esporte e Sociedade* nº 9, jul/ago de 2008, na qual Juliana Garcia realiza uma resenha do livro *Racismo no Futebol*, escrito por mim e pelo professor Sebastião Votre (2006). Apesar de valorizar a obra e concordar parcialmente com os autores, em determinado ponto diz que as análises apresentadas são superficiais. Refere-se ainda às duas partes iniciais do livro, na qual teríamos

realizado “generalizações espúrias” e “afirmações perigosas”, atribuindo essas expressões a Antonio Soares (2002); entretanto, não faz referência à fonte.

Ao proceder assim, segundo a crítica de Garcia (2008: 7), os autores reproduzem uma “historiografia positivista do século XIX que considerava os fatos históricos objetivos e como verdade única”.

O foco de Garcia prende-se à crítica que eu e Votre realizamos sobre a interpretação de Soares (1998) no episódio da fundação da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), ocorrido em 1924, no Rio de Janeiro. Para ela, ao afirmarmos que a interpretação de Soares “é importante, porém, falsa” (Silva e Votre, 2006: 40), estaríamos fechando o debate e nos posicionando ao lado de Mário Filho, considerando o episódio da AMEA como uma manifestação racista da nova associação futebolística, que visava excluir os jogadores do Vasco da Gama, que foram campeões em 1923.

De fato, posicionamos-nos ao lado de Mario Filho, mas não fechamos o debate. Entretanto, gostaria de destacar que a fundamentação de Garcia para sustentar a crítica às nossas análises, apóia-se nas concepções de Soares (1998), que, em sua tese de doutoramento e trabalhos posteriores, ataca vários pesquisadores da área da sociologia do esporte.

2. O discurso de Soares na voz de Garcia

Garcia utiliza argumentos construídos por Soares na obra *Identidade nacional e racismo no futebol brasileiro*, capítulo do livro *Esporte, história e sociedade*, livro este organizado por Proni e Lucena (2002). Ali, Soares reproduz e tenta pulverizar idéias desenvolvidas em minha tese de doutoramento, entre elas: a de que nas derrotas do time brasileiro surge o fenômeno do bode expiatório, que em 1950 as metáforas atacaram os jogadores negros, que essas metáforas desclassificavam o ser humano e não apenas o atleta

etc. Apresenta também a relação que utilizei entre o termo “raça” e o termo “fibra” (Silva, 2002). Neste ponto, diz ele: “Um exemplo desse tipo de generalizações espúrias pode ser vista no artigo de Carlos Alberto Figueiredo da Silva (1998) ‘A linguagem racista no futebol brasileiro’” (Soares, 2002: 186).

A forma que Soares encontra para defender seu ponto de vista utiliza a estratégia de desconstruir o texto. Tal recurso fora utilizado quando tentou transformar um clássico de Mário Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro* (NFB), em um livro menor, uma “historinha”, uma invenção, um romance. Além disso, Soares tentou abater o trabalho de vários pesquisadores importantes, caracterizando-os como os “novos narradores” de Mario Filho, pois limitar-se-iam a citar apenas o NFB como fonte. A metáfora “novos narradores” é clara e tentou desestimar o trabalho de vários autores consagrados.

Maurício Murad (1999: 4), em relação ao texto de Soares diz que:

Houve exagero e radicalismo, na tentativa de reduzir Mário e nós outros a zero, como se nenhum mérito pudesse ser admitido. A linguagem pesada incluiu expressões como talvez “oportunistas”, “invenções” (sic), e as leituras tropeçaram na pressa, distorção e superficialidade de *textos fora de contexto*, movediço e equivocado terreno que pode sepultar qualquer boa idéia ou conduzi-la a um inaceitável vale tudo. A crítica exige o exame criterioso e detalhado de outras obras do autor, que tratem das mesmas temáticas, para não ser reducionista. Reler ou ler Costa Pinto e Guerreiro Ramos, importantes sociólogos brasileiros teria ajudado. Evidente que sempre há a possibilidade de outras leituras, em relação a qualquer assunto. Elas são sempre bem-vindas. Mas se o NFB não deve ser a única fonte para os estudiosos (e nisso estamos de acordo), como repetidas vezes aparece no artigo, por que se valeu apenas dele para criticar?

Garcia incomoda-se com a expressão “falsa”. Ao nos referirmos à interpretação de Soares sobre o episódio da AMEA, dizemos que foi importante, porém, falsa. Por que falsa? A metáfora “falsa”, analisada fora do contexto, parece aduzir a idéia de que existe uma interpretação verdadeira. Garcia, se bem leu todo o livro, pôde perceber que não nos posicionamos de forma a entender que existe a interpretação “verdadeira” e que os fatos históricos possuem uma “verdade única”.

Em relação à concepção de história, apresento um excerto do livro:

O discurso da década de 1920 permite leituras que ilustram o fato de que a história é tecida a partir das argumentações, dos pontos de vista, das interpretações. Não é uma cena estática que buscamos captar e, a partir daí, descrever; mas uma cena dinâmica que procuramos interpretar (Silva e Votre 2006: 39).

Um pouco mais adiante dizemos que:

A análise empreendida neste trabalho rejeita qualquer princípio extra-social pelo qual poder-se-iam explicar os fenômenos estudados. Desta forma, somos forçados a examinar os grupos sociais em suas posições nas estruturas sociais, considerando as interações desses grupos através do tempo, de modo que a análise seja de certo modo dinâmica e histórica (idem: 52).

A crítica que empreendemos à interpretação de Soares de forma alguma é no sentido de menoscabá-la. Afirmamos que a interpretação desse autor é importante, mas algo nos incomodou em sua postura. A visão de que o elemento central no episódio da AMEA foi o profissionalismo e não o amadorismo revela um ângulo interessante e isto foi admitido no livro.

Por conseguinte, a hipótese de que o elemento central era a questão do profissionalismo não deve ser obliterado, pois revela um outro ângulo do episódio. No entanto, não se deve descartar a questão racial como um dos elementos centrais do conflito de 1923. De fato, este não foi o único elemento, mas consideramos que ele foi uma das principais questões que influenciaram os clubes dominantes a instaurarem mecanismos de exclusão para eliminar os clubes que não se enquadrassem em suas concepções de “moral” (idem: 51).

A metáfora “falsa” é utilizada no sentido de que a interpretação realizada por Soares encerra-se em si mesma, por isso é falsa. Murad (1999: 6) corrobora esta afirmação ao dizer que nas interpretações de Soares

Foram cometidos os três pecados capitais, imperdoáveis ao trabalho intelectual: ausência de erudição, relativamente à extensão de um clássico; desconhecimento da literatura amplificada, conseqüência do desprezo ao diálogo, e generalização do *sempre quase toda*. E mais: desconsideração de outras fontes de investigação, como o cinema e a fotografia, tão importantes para as ciências sociais e para o objeto em tela.

Murad ratifica seu posicionamento dizendo, inclusive, que:

A crítica é livre, necessária e estimulante, mas há que ser acompanhada pela ética acadêmica e respeito pessoal, ou tudo pode desandar. A meu juízo, um pouco mais de leitura e mais complexidade teriam evitado tantos deslizes. Não teria sido mais fecundo reexaminar Mário e o NFB, no interior de seu *Zeitgeist*? Por que houve, poder-se-ia dizer, a opção metodológica por um certo *etnocentrismo acadêmico*? Se a verdade não é em Mário definitiva, como não o é em nenhum de nós, porque será em Soares? Um pouco mais de leitura e complexidade teria evitado deslizes, também, em relação a nós (idem: 3).

Ronaldo Helal e Gordon Jr. (1999:5), destacam partes do texto de Soares, no qual ele afirma que o NFB refletiria “um clima de época e não uma história no sentido stricto do termo” (Soares, 1998: 215) e que Mario Filho estaria “mais preocupado com os detalhes dos pitorescos causos que narra do que com a verdade positiva ou com a coerência interna” (idem: 8).

Para Helal e Gordon Jr. (1999: 5) a argumentação de Soares revela:

Uma concepção estreita sobre a história, reavivando conceitos que toda a “nova historiografia”, desde a Escola dos Annales, com L. Febvre, M. Bloch e F. Braudel, por exemplo, esforçou-se em superar. Esse fervor a uma (im)possível veracidade dos “fatos” impede Soares de ver que, embora Mário Filho tenha construído e não descrito uma história, os episódios narrados em o NFB, e ainda o livro como um todo, continuam nos permitindo o acesso à história. E é o próprio Soares quem nos fornece a chave para reafirmarmos o caráter histórico, apesar de romanesco, do NFB, quando menciona que o livro foi basicamente montado a partir de depoimentos das pessoas envolvidas.

Helal e Gordon Jr. apresentam a análise de Soares como radical:

Apesar de louvarmos o mérito do trabalho de Soares ao apontar um provável descuido metodológico dos “novos narradores”, questionamos sua posição radical em negar qualquer possibilidade de utilização histórica do texto de Mário (idem: 4).

3.Conclusão

Portanto, ao utilizar como base apenas a crítica de Soares de que minhas interpretações são “generalizações espúrias”¹, Garcia reproduz a frase e o posicionamento desconstrutivo de seu inspirador. Ao categorizar a mim e ao Votre como positivistas, a autora, de certa forma, acompanha o movimento pós-moderno; movimento que tentou superar a metanarrativa utópica modernista via desconstrução. Entretanto, há necessidade de buscarmos um terceiro espaço, onde a reflexividade de todos seja respeitada e encarada como mais um elemento para compreendermos a complexidade dos fatos sociais.

Referências

- GARCIA, J. 2008. Racismo no futebol. *Revista Esporte e Sociedade*, 9: (jul/out).
- HELAL, R.; GORDON Jr., C. 1999. Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. *Revista Estudos Históricos*, 24(1): 1-29.
- MURAD, M. 1999. Considerações Possíveis de uma Resposta Necessária. *Revista Estudos Históricos*, 24(2).
- SOARES, A. J. G. 1998. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese de doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho.
- SOARES, A. J. G. 2002. Identidade nacional e racismo no futebol brasileiro. In: M. Proni, e R. Lucena (orgs.). *Esporte, história e sociedade*. São Paulo: Autores Associados.
- SILVA, C. A. F. 1998. A linguagem racista no futebol brasileiro. *VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Rio de Janeiro, Editoria Central da Universidade Gama Filho: 394-405.
- SILVA, C. A. F. 2002. *Entrada, ascensão e consolidação dos jogadores negros e mestiços no futebol brasileiro*. Tese de doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho.
- SILVA, C. A. F.; VOTRE, S. J. 2006. *Racismo no futebol*. Rio de Janeiro: HP Comunicações.

¹ Esta expressão é utilizada por Soares (2002: 186) em relação ao artigo “A linguagem racista no futebol brasileiro” (SILVA, 1998).

Carlos Alberto Figueiredo da Silva exerce, atualmente, o cargo de Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação do Centro Universitário Augusto Motta e atua como professor titular da Universidade Salgado de Oliveira, no programa de mestrado em Ciências da Atividade Física. Possui doutorado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (2002). Tem experiência na área de gestão acadêmica, pesquisa e educação física, atuando principalmente nos seguintes temas: esporte e desenvolvimento local, educação física, etnometodologia, esporte educacional, racismo-esporte-mídia e inclusão social.